

VISÃO DO CORREIO

Mortes por covid: lições precisam ser consideradas

Bastaram duas semanas da chegada do Sars-CoV-2 ao Brasil para que seu potencial devastador, já sentido na Ásia e na Europa, se manifestasse. Em 12 de março de 2020, morria a primeira vítima da covid-19 no país. O segundo óbito viria três dias depois. Mais três mortes, todas em São Paulo, no dia 15. Logo em seguida, o Rio de Janeiro registrava seus dois primeiros casos, que foram somados a outros dois em terras paulistas. Daí em diante, o novo coronavírus foi ceifando vidas pelo país, custurando um dos piores cenários da crise sanitária que parou o mundo há cinco anos.

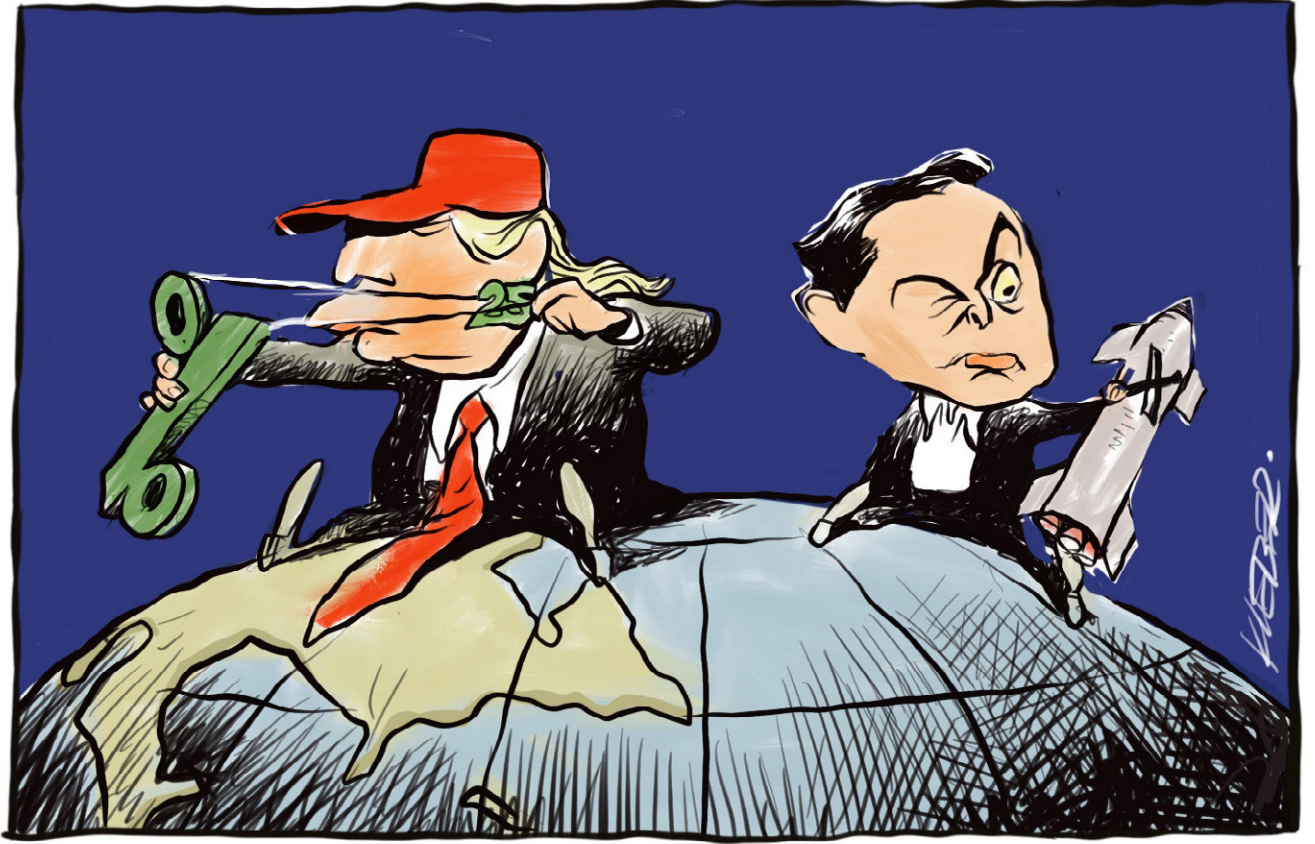
Naquele 12 de março, quando uma mulher de 57 anos morreu ao dar entrada em um hospital público em Itaquapé, 114 países já tinham casos confirmados da doença. Eram 118 mil e 4,2 mil mortes, segundo a OMS. Um mês depois, só no Brasil, sucumbiam à covid mais de 2 mil pessoas por dia. No auge da crise, em abril de 2021, o Ministério da Saúde tentava frear a sufocante média de 3,1 mil óbitos a cada 24 horas. O uso de tratamentos sem eficácia, a disseminação de fake news, o desincentivo à vacinação e a falta de articulação entre as esferas de governo estão entre os fatores que levaram à situação caótica.

Alguns seguem contaminando decisões pessoais e governamentais pelo país, matando sobretudo os mais vulneráveis. Se não, o que justifica, quatro anos depois, o Brasil ter enfrentado a pior crise de dengue da história? Fala-se em “tempestade perfeita” para explicar a explosão da doença — também uma zoonose. Ocorreu uma espécie de combinação incomum dos efeitos da crise climática, da circulação simultânea de vários subtipos do vírus, da adaptação genética do mosquito, que se tornou mais resistente, e da falta de vacina. Mas entram nessa conta falhas gravíssimas de gestão pública.

Um aumento, de um ano para outro, de 400% dos casos de uma doença cuja primeira epidemia ocorreu há mais de 40 anos só ocorre quando não se prioriza monitoramento e vigilância. Não à toa, a queda significativa dos números de casos de dengue em 2025 tem entre as justificativas a contratação de agentes de vigilância, a instauração antecipada de centros de emergência e o adiantamento de campanhas educativas — todas medidas com efeitos sustentados pela ciência e adotadas em âmbitos federal, estadual e municipal.

Também falta superar o movimento antivacina. Ainda que não haja dúvidas de que a entrada das fórmulas protetivas virou o capítulo da pandemia de covid-19 no mundo, o Brasil sequer chegou à cobertura vacinal de 25% da população elegível às doses de reforço. E vale lembrar: o coronavírus segue matando. Só neste ano, até o último dia 25, o governo federal contabilizou 664 óbitos. Bem menos do que o mesmo período em 2024, quando houve 1.536 registros, mas não deixa de ser um número alto, em se tratando de uma doença que pode ser evitada e enfraquecida pela imunização.

Daquele 12 de março a 25 de fevereiro de 2025, são 715.261 mortes por covid no país. Gente que teve o perfil traçado ao longo dos anos, evidenciando o impacto das desigualdades na saúde da população brasileira. Negros, moradores de áreas periféricas e desabonados representam a maioria das vítimas, assim como ocorreu na mais recente epidemia de dengue. Repetições de tragédias sanitárias não são razoáveis em um país reconhecido pela expertise em estratégias preventivas e pela qualidade dos seus profissionais de saúde. Não se normalizam mortes evitáveis, sob o risco de se ultrapassar, inclusive, dilemas éticos. Passou da hora de o Brasil considerar as lições fatais da pandemia.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

STM

Parabenizo o **Correio Braziliense** e os jornalistas pela belíssima entrevista com a nova presidente do Superior Tribunal Militar (STM), a ministra Maria Elizabeth Rocha. O discurso da entrevistada chega a ser surpreendente pela clareza, pelo compromisso com as mulheres e com a democracia. Ela rompe com uma visão equivocada sobre a Corte e aponta para a possibilidade de uma justiça verdadeira, em que o danos corporativismo provoca e leva-nos à descrença em relação ao Judiciário. Ao se referir aos ministros que lhe deram votos, instiga-nos a repensar as ideias que temos em relação ao machismo dominante no Judiciário e sonhar que é possível livrar-nos desse comportamento que tanto mal faz à sociedade. Que a nossa esperança por dias melhores se torne realidade. Que a Justiça seja realmente justa e preserve o tesouro “democracia”.

» **Leonora Lima**
Núcleo Bandeirante

Urânio

O presidente da França, Emmanuel Macron, apresentou um arsenal de misseis com ogiva atômica no que deu ensejo ao posicionamento do presidente da Rússia, Vladimir Putin, que retrucou afirmando: “Ele quer abertura da terceira guerra mundial”. O Brasil não precisa mais de minério da Ucrânia, porque aqui foi descoberto em Santa Quitéria, no estado do Ceará, uma mina que pode abastecer vários países cujo material pode ser vendido em valor superior ao ouro, por ser um minério raro.

» **José Lineu de Freitas**
Asa Sul

COP

Louvável a reportagem sobre sustentabilidade pública, em Economia, na página 8 da edição de 09/03 (Contribuições para a crise climática), assinada por Fernanda Strickland. Ao trazer aos assíduos leitores algumas contribuições para a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP), o setor produtivo brasileiro vem, mais uma vez, reforçar o seu compromisso com a redução das emissões de gases de efeito estufa, contribuindo,

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Sou cego, moro em Brasília e fiquei muito feliz com o projeto desenvolvido na UnB que auxilia a mobilidade de pessoas com deficiência visual. A tecnologia assistiva é muito importante para mim. Parabéns!

Pedro Maron — Brasília

O crime da 113 Sul foi em 2009. Previsão do tempo: ele passa rápido, mas a justiça é lenta.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Nas escolas públicas, faltam livros, computadores e laboratórios. Com frequência, o único computador que o aluno tem disponível é o celular. A lei de proibição do uso do celular tem que ser melhor formatada para não trazer prejuízos ao estudo das ciências exatas.

Marcos Gomes Figueira — Águas Claras

Brasília está perdendo sua tranquilidade por conta da especulação imobiliária. Cada novo condomínio residencial aberto, diminui a qualidade de vida da população!

Cristóvão Garcia — Brasília

ERRAMOS

» O movimento criado pelo Mestre Woo foi grafado incorretamente na chamada de capa da edição de ontem (10/3). O correto é Tai Chi Being Tao, e não Tai Chi Being Tan.

— que, no resto do país, funcionam a partir das 10h — e sabem o que ele me respondeu? “Isso acontece porque o nosso sindicato aqui é mais forte do que os outros!” Dá pra acreditar em tamanho destrambelamento?

» **Lauro A. C. Pinheiro**
Asa Sul

assim, para o avanço da transição sustentável. Com o anúncio de lançamento da “Sustainable Business”, iniciativa que almeja agrupar representatividade empresarial, voltado à COP30, evento climático previsto para novembro, a ser sediado na bela capital paraense, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) não largou atrás. Parabéns pela importante pauta, **Correio!**

» **Nelio S. Machado**
Brasília

Dia da Mulher

Homenageando as mulheres brasileiras no Dia Internacional da Mulher, vamos fazer uma análise isenta e crítica sobre a presença feminina no Estado brasileiro da atualidade. Percentual feminino na população brasileira: 51,5% do total; percentual de eleitoras femininas no Brasil: 52% dos eleitores brasileiros; número de senadoras em exercício no Senado Federal: 12% do total de 81 senadores da República; número de deputadas federais em exercício na Câmara Federal: 18% do total existente na Câmara; percentual de magistradas existentes no Poder Judiciário: 38% do total de juízes, desembargadores e ministros do Poder Judiciário. Como se justifica essa imensa discrepância na distribuição de cargos de relevância entre os homens e as mulheres apesar da presença majoritária das mulheres em qualquer situação analisada? Simples: mulher não vota em mulher.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

Horários de Brasília

Olá, pessoal do governo. Brasília parece uma bagunçada cidade dos boas-vidas. O comércio de rua abre das 7h30 às 9h; os shoppings, às 10h; e os bancos, às 11h. Certa vez, conversei com um importante líder trabalhista sobre essa discrepância absurda em relação aos bancos — que, no resto do país, funcionam a partir das 10h — e sabem o que ele me respondeu? “Isso acontece porque o nosso sindicato aqui é mais forte do que os outros!” Dá pra acreditar em tamanho destrambelamento?



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

“Enganoterapia” na veia

Por algum tempo, tentei colecionar revistas antigas. Em feiras especializadas e leilões, consegui exemplares da Fon-Fon, da Careta, do Malho, da Noite Fluminense... além de uma boa quantidade de almanques patrocinados pela indústria farmacêutica. É uma pena que as alergias tenham acabado com meu passatempo — inclementes, os ácaros não me deixavam passar da metade da leitura sem uma boa crise de asma.

Um dos aspectos mais fascinantes nas revistas e nos almanques do início do século 20 eram as propagandas, especialmente as de medicamentos. Curava-se absolutamente tudo: o Elixir das Damas, por exemplo, evitava “todas as moléstias do Utero e Ovarios, Corrimentos e Catharos Uterinos”; o Linimento de Sloan era o terror dos “rheumatismos”, curando “Ciática, neurosis, brochite e outras enfermidades”; recomendava-se heroína para tosse pediátrica; já os drops de cocaína serviam para dor de dente.

A não ser pela atualização ortográfica e pelo banimento das drogas ilícitas, essas propagandas não se diferem muito do que testemunhamos, hoje, no mercado de produtos voltados à saúde. Recebi, em novembro passado, o folheto de uma clínica médica oferecendo “soroterapia” na Black Friday. Era algo do tipo: “tome vitamina C e D intravenosa e ganhe um combo de minerais diversos”.

Em Brasília, como no restante do país, as unidades de aplicação desses “elixires” modernos multiplicam-se, prometendo “potencializar a saúde”, melhorar a qualidade do sono, reduzir a gordura localizada, “aumentar a vitalidade”, entre muitas outras soluções, tais quais as pílulas,

xaropes e tabletes dos 1900. É um festival de charlatanismo, sem qualquer comprovação científica, e quem diz isso são médicos que tentam esclarecer a população, como a endocrinologista Hermelinda Pedrosa, titulada pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (Sbem) e membro do Grupo de Trabalho Intercameral para Análise de “Soroterapia” para a elaboração de um parecer do Conselho Regional de Medicina do DF.

“Infelizmente, a picaretagem é global. A criatividade do charlatanismo é incrível”, disse a médica e pesquisadora, uma referência na área da endocrinologia, em entrevista ao **Correio**. Conversei com ela há algumas semanas, quando fazia uma reportagem sobre a falta de evidência científica das infusões de vitaminas e minerais — cujas indicações, embora existam, são limitadíssimas.

Há os que defendam a prática, acusando os contrários de serem “vendidos para a indústria farmacêutica”. Como se as aplicações endovenosas de vitaminas e sais minerais fossem curativas e, mais do que isso, filantrópicas. A verdade é que, por trás do marketing — do qual participam os tais “influenciadores digitais” —, há uma poderosíssima máquina de extrair pix. Os pacotes de aplicação são caríssimos e, quando não fazem mal (algumas substâncias podem se acumular no organismo), simplesmente são excretados pela urina.

É urgente a fiscalização desses estabelecimentos e a punição, pelos conselhos de classe, de profissionais que insistem em enganar pacientes com soluções milagrosas. Deixemos, nas páginas amarelas e repletas de ácaro, os elixires para todos os males.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine

(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioseweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br